

EJA: Refletindo Sobre a Identidade Cultural Brasileira por meio da Linguagem Cinematográfica¹

Rosana Steinke

Resumo: O povo brasileiro é formado por diversos grupos humanos que constituem as identidades do país. Para desenvolvermos este projeto escolhemos dentre estes grupos a figura do caipira por retratar (ou apresentar) fortes traços do mundo rural em contraposição ao mundo citadino. Para tanto faremos a análise de três filmes (Sai da Frente, Dois Filhos de Francisco e Tapete Vermelho), procurando observar de que forma a figura do caipira é retratada buscando ressaltar a influência da sociedade capitalista neste processo. O projeto pretende instigar o aluno da Eja, por meio de questionamentos sobre a visão que ele possui da identidade do caipira uma vez que (nós do interior) temos sofrido forte influência principalmente de sua forma de expressão oral. Ao trabalhar com a linguagem fílmica a partir da eleição das três películas acima buscaremos discutir a temática das culturas e identidades e como isso pode ser usado no Ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Cinema. Identidade.

1. Introdução

Segundo Stuart Hall (2000, p.7), a assim chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abrangendo os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Estas transformações geram também, numa velocidade surpreendente, uma quantidade enorme de informações de fácil acesso as crianças, jovens e adultos e, que se espalham pelo mundo de forma ininterrupta e instantânea, criando novos ambientes educacionais além da escola.

Tal situação deixa claro que nem a escola é mais o único local de aprendizagem e nem o professor o único detentor do conhecimento. Portanto, esta gama de transformações atinge a educação de forma visceral, faz-se necessário e urgente que a escola, assim como a sociedade, passe por um processo de transformação. A ação pedagógica escolar deve associar-se aos muitos mecanismos tecnológicos existentes de forma a proporcionar ao educando um processo de ensino-aprendizagem menos árido e mais dinâmico.

Neste sentido, se coloca aqui questões como a questão da identidade e o uso das tecnologias na educação.

Pensar o mundo atual, sem considerarmos a questão da fragmentação das identidades nacionais e o crescimento de outras identidades (gênero, étnicas, regionais, religiosas) seria subestimar sua importância e ignorar o fato de que estas “identidades” alimentam e forjam os diversos domínios da vida social. Seria negar o fato de que ela permite a compreensão da formação e transformação das nações e da própria história a partir da existência de outros grupos.

Segundo Canclini(1999, p.164), somente um ambiente de intenso trânsito de informações culturais, como o que vivemos atualmente, poderia criar condições para o questionamento da unidade do sujeito. Ao contrário do que se pensou durante séculos (visão cartesiana), hoje a mulher e o homem são vistos como seres múltiplos e descentralizados. A identidade é uma construção que se narra.

Assim, a escolha do tema “Identidade Cultural Brasileira” como objeto de estudo, buscará compreender o processo de construção e reconstrução dessa identidade. Este tema assume maior relevância no caso da Educação de Jovens e Adultos, pois na maioria dos casos os educandos ficaram fora da escola durante muito tempo (às vezes fora do país) e tem muita dificuldade em compreender os conteúdos que abordam frequentemente a questão da identidade, seja na discussão da formação histórica do povo brasileiro (diferentes etnias), seja no reconhecimento das diferenças em relação a outros grupos, etnias e nacionalidades ao longo da História.

Estas diferenças por sua vez não podem ser confundidas com a idéia do exótico ou do pitoresco, uma vez que o povo brasileiro é formado por diversos tipos humanos que constituem as identidades do país. Dentre estes grupos escolhemos especificamente a figura do caipira por retratar (ou apresentar) fortes traços do mundo rural em contra posição ao mundo citadino.

Outra questão de fundamental importância sobre este tema é que ele não pode ser pensado isoladamente, precisa ser articulado aos eixos da cultura, do trabalho e do poder, que norteiam as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná.

Para realizarmos este projeto e com base nestas Diretrizes que afirmam:

“(…) na aula de História, é indispensável ir além dos documentos escritos, trabalhando com os iconográficos, os registros orais, os testemunhos de história local, além de documentos contemporâneos, como: fotografia, cinema, quadrinhos, literatura e informática. Outro fator a ser observado é a identificação das especificidades do uso desses documentos, bem como entender a sua utilização para superar as meras ilustrações das aulas de História. Quanto à identificação do

documento, a sugestão é determinar sua origem, natureza, autor ou autores, datação e pontos importantes do mesmo” (p 69)

Optamos, então, por trabalhar com a linguagem fílmica porque nos permite uma transposição didática e prática do saber histórico uma vez que possui mensagens individuais e múltiplas, traduzindo valores culturais, sociais, ideológicos e identitários de um indivíduo ou de uma sociedade.

Muitos filmes (brasileiros) contemporâneos são importantes instrumentos de estudo, pois refletem traços identitários de nossa nação que estão presentes em nosso imaginário cultural, além de enriquecê-la, reproduzindo e criando novas formulações culturais. Portanto, o uso da linguagem fílmica nas aulas de História, além de servir de fonte de pesquisa, de prazerosa análise posterior (reflexão com os alunos), ainda pode promover a construção do conhecimento histórico uma vez que passa pelo sensorial, emocional, intuitivo e por fim pelo racional, estabelecendo um “elo” entre o presente (momento da projeção) passado e futuro (objetos de reflexão).

Para Napolitano (2003: p.11-12), trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois, para este autor, o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sistematizados numa mesma obra de arte”.

2. Problematicando a questão

Este projeto, ainda em andamento, tem como objetivo geral promover reflexões entre os alunos da EJA sobre os processos de construção e reconstrução das identidades brasileiras como também seus processos de exclusão e marginalização (de algumas destas identidades. Entre os objetivos específicos podemos citar a busca em compreender os processos sociais pelos quais se constituem as “identidades” de pessoas, grupos, nações, buscar compreender os processos sociais que excluem e marginalizam diferentes identidades, reconhecer a importância do patrimônio histórico, cultural e artístico na preservação da memória e das identidades sócio-culturais, definir e compreender os conceitos de fonte histórica, nação, nacionalismo, identidade e hibridismo, assim como questões como a cultura regional e a figura do caipira na temática do cinema nacional.

Entender as questões referentes à “identidade cultural” na atualidade tem sido uma das grandes preocupações das ciências sociais, e tem se tornado tema cada vez mais frequente nas discussões entre os estudiosos contemporâneos, no sentido de melhor compreender o homem. No mundo moderno, o sistema de representação que chamamos culturas nacionais, se constituía em uma das principais fontes de identidade cultural. Historicamente, o nacionalismo/cultura nacional teria surgido entre os séculos XVIII e XIX na Europa, quando os grandes países buscavam uma coesão interna baseado em valores culturais que seriam próprios de cada grupo. Assim sendo, a língua, a religião, os símbolos, as tradições, os valores éticos, seriam responsáveis por caracterizar o sentimento de pertencimento a uma determinada região, conferindo aos sujeitos que ali viviam uma dita identidade.

Neste sentido, o sentimento de pertencimento passa a ser visto como uma narrativa construída a partir de mitos fundadores, da história que nega as diferenças e cria laços que Stuart Hall chama de “comunidades imaginadas”, referindo-se a construção das identidades das nações. “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentimentos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (Hall, 2000, p.50)

No entanto, essa questão muda na contemporaneidade, pautada nas transformações ocorridas no interior da sociedade, em que o fenômeno da globalização promoveu um processo de fragmentação articulada do mundo e da recomposição de suas partes. Segundo

Canclini (1999,p.59), o processo descrito como globalização está ligado à passagem de identidades modernas, territoriais e monolíngüísticas, para identidades pós-modernas, que seriam transterritoriais e multilíngüísticas.

Portanto, na sociedade capitalista contemporânea, não existe mais uma identidade que seja fixa, imutável, cartesiana, baseada em uma essência inata, uma identidade unificada e sem conflitos. Esse fenômeno (globalização) produz novos sujeitos com identidades voláteis, fragmentadas, contraditórias e que estão constantemente sendo formadas, assim como a própria história desses sujeitos. Segundo Hall, a identidade, em vez de algo inato á nós, acabado e definitivo, é, antes um processo que vem do exterior aquilo que nos falta

“[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, esta sempre ‘em processo’, sempre sendo formada. Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar e vê-la como um processo em andamento [...]” (Hall, 2000, p.38-39)

Mas como este estudioso define identidade?

“Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que nos tentam ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem sucedida articulação ou ‘fixação’ do sujeito ao fluxo do discurso [...] Isto é, as identidades são as posições que sujeito é obrigado a assumir, de apego, embora ‘sabendo’, sempre, que elas são representações (HALL, 2000, p. 111-112).

Para Bhabha (1998, p. 85), [...] a “identidade” construída pelas políticas de representação não é um a priori “[...] nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem de totalidade”, ou seja, as representações sobre o sujeito e suas práticas culturais não se explicam sozinhas, é preciso que pensemos na sociedade que as fundamenta e as cria.

Com relação à fragmentação do sujeito, Bhabha (1994. p.2) diz que, “nós nos encontramos em um momento de transito onde espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas cujas identidades são extremamente fragmentadas e em um constante processo de construção, e exatamente por isso, levando a certa sensação de desorientação e algumas vezes até mesmo de exclusão.”

Mas se as identidades estão fragmentadas, se os pilares que davam sustentabilidade a elas ruíram, onde os sujeitos buscam subsídios para reconstruí-las?

Para Castells,

“a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações do cunho religioso, [...] em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade seja construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem”. (2000, p.23-24)

Vivemos um tempo de rupturas e heterogeneidade, de segmentações e comunicações fluidas, no entanto, em meio a toda essa heterogeneidade os seres humanos encontram códigos que os unificam. Porém, esses códigos são cada vez menos os de etnia, de classe ou nação. O que vemos hoje são comunidades internacionais.

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Aquele inaugura um novo processo de “memorização” dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade cultural tem sido silenciosamente presumida. Mas essas “minorias” não são efetivamente “restritas aos guetos”; elas não permanecem por muito tempo como enclaves. Elas engajam uma cultura dominante em uma frente bem ampla. Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da “modernidade” definida exclusivamente nos termos ocidentais. (HALL, 2003, p. 44-45)

É cada vez mais freqüente (inclusive entre os educando da EJA) encontrarmos pessoas que por escolha ou por necessidade tenham que viver longe de sua terra natal e, conseqüentemente, longe de suas referencias culturais. Segundo Hall, esse movimento migratório está diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais não só das antigas nações como de todo o mundo.

“Quando a circulação cada vez mais livre e freqüente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva com uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser, então, apenas a diferença, mas também a hibridização.” (HALL, 2000, p.166)

Segundo Canclini (1997, p.19), o hibridismo são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. A combinação de práticas culturais diferentes cria então essas novas possibilidades, que se multiplicam, uma vez que os grandes centros oferecem o contato com a heterogeneidade, e a interação com tal diversidade afeta, inevitavelmente, a construção de novas redes de valores e significados. No entanto, esse movimento de apropriação, criação, (re)territorialização deve ser entendido com cautela.

O olhar do observador não pode se restringir às superposições que são feitas, mas precisa considerar que essas relações fazem parte e também constroem relações de poder e questões de identidade. As perguntas sobre identidade, soberania nacional não desaparecem com o hibridismo, pelo contrário. Permanecem os conflitos e repensa-se a autonomia de cada cultura.

Stuart Hall, após sua própria experiência de jamaicano fora de sua terra de origem, discute como as diferenças que entram em contato após o processo da diáspora, do deslocamento, acabam por contribuir às reflexões sobre o hibridismo.

“Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.” (Hall, 2003, p.27)
“(…) o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que ‘a identidade cultural’ carrega consigo tantos de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e *mesmice*, como deveram ‘pensar’ as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura?” (Hall, 2003, p.28)

“Um termo que tem sido utilizado para caracterizar as culturas cada vez mais mistas e diasporicas dessas comunidades é ‘hibridismo’. Contudo, seu sentido tem sido comumente mal interpretado. Hibridismo não é uma referencia à composição racial mista de uma população. (...) O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os ‘tradicionais’ e ‘modernos’ como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradição cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade.” (Hall, 2003,

p.71)

Percebemos em Hall que o conceito de hibridização, levando em conta o viés da diáspora sob o qual o autor trabalha, é pensado dentro da lógica cultural da tradição e que se torna proeminente em sociedades multiculturais.

Com relação à identidade cultural brasileira, esse hibridismo se faz presente, não em relação à composição racial mista de sua população, que segundo Hall não se caracteriza como hibridismo, mas pelo fato de agregamos parte das diferentes culturas que aqui existem.

Para Marc Ferro (1998), a maior contribuição de uma análise fílmica na investigação histórica é a possibilidade de o historiador procurar o que existe de não visível, ou seja, aspectos da realidade que excedem o objetivo do realizador, além de, por trás das imagens, expressa a ideologia de uma sociedade.

A análise fílmica, no caso o cinema nacional brasileiro, assim como os palimpsestos² permite-nos enxergar além do substrato da cultura explícito nos diálogos, no figurino e nas opções estéticas do diretor, mas como produto de um meio que vai muito além do que está expresso na grande tela, permite-nos ver aspectos da realidade que está por trás das imagens, o conjunto de signos constitutivos da imagem nacional e as representações acerca da identidade nacional presentes nos mesmos.

Segundo Almeida (2001, p.48), utilizar-se do cinema na educação, “(...) é importante porque traz para a escola aquilo que poderia transformá-la em algo vívido, e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados (...) (In: NAPOLITANO, 2004, p.12)

Diante disto, e partindo do pressuposto que os filmes produzem sentidos sobre as nações, constroem identidades, e que uma das grandes questões da atualidade é justamente a busca/entendimento das identidades, é que o uso do cinema brasileiro em sala de aula torna-se uma importante ferramenta de comunicação, torna-se um agente difusor da imagem e das culturas brasileiras.

Neste sentido, esta pesquisa visa conhecer as representações culturais atribuídas à identidade nacional brasileira pelo conjunto de signos constitutivos da imagem cinematográfica nacional, tomando como objeto de análise três filmes nacionais, que embora produzidos em épocas diferentes abordam com maestria a dicotomia entre rural/urbano.

Fizemos a opção de analisar a imagem fílmica como fonte pois

“um filme pode ser usado como fonte quando o professor direcionar a análise e o debate dos alunos para os problemas e as questões surgidas com base no argumento, no roteiro, nos personagens, nos valores morais e ideológicos que constituem a narrativa da obra. Neste caso, mesmo quando está articulado a um conteúdo curricular ou a um tema específico, é o filme que vai delimitar a abordagem e levar a outras questões. Este tipo de abordagem, partindo das representações do filme escolhido, também permite o exercício de aprimoramento do olhar do aluno e o desenvolvimento de seu senso crítico em relação ao consumo de bens culturais.” (NAPOLITANO, 2004, p.28).

Para Napolitano, o cinema em sala de aula pode ser feito sobre três aspectos: conteúdo, linguagem ou técnica; uma vez que os três filmes escolhidos serão analisados sob o viés da cultura/ identidade nacional, estaremos trabalhando o aspecto do conteúdo/tema que por sua vez divide-se em duas formas de abordagem: fonte e texto-gerador.

3. Algumas considerações sobre o encaminhamento da temática

Na primeira fase deste projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as questões identitárias e como aparecem na imagem fílmica brasileira (no caso o caipira e a dicotomia entre o rural e o urbano). A seguir o conhecimento apreendido pelo professor PDE e

as propostas presentes no plano de trabalho serão democratizadas e socializadas, junto aos professores da rede estadual de ensino do Paraná, participantes dos grupos de trabalho em rede (GTR), que serão colaboradores (através de sugestões e aprofundamento da base teórica) nas discussões acerca das propostas de atividades de intervenção na escola.

A implementação pedagógica, acontecerá no CEEBJA- Professor Manoel Rodrigues da Silva, onde será disponibilizado, num primeiro momento, o material didático produzido pela Professora PDE- turma 2010- a toda a equipe pedagógica e professores das áreas de História, Sociologia, Filosofia, Arte, Geografia e Português, para que através de uma leitura prévia possam conhecer e contribuir com o projeto, visto que a implementação do mesmo objetiva também a tão almejada interdisciplinaridade.

Esta implementação ocorrerá através da oferta de um mini-curso de 32 horas-aula, a todos os alunos interessados e com matrícula ativa na escola

Como estratégia inicial, pretendemos promover um debate, mediado pelo professor, sobre conceitos como cultura, nação, nacionalismo, identidade, hibridismo, região, caipira, poder, memória, patrimônio, tradição, fonte, trabalho, rural, urbano, cinema ou o uso do cinema em sala de aula. Buscando fundamentar estes conceitos o professor disponibilizará, artigos científicos, artigos jornalísticos, revistas especializadas, livros. Durante o debate será importante estimular os educandos a expressarem, suas idéias e conhecimentos (mesmo que iniciais) a cerca destes conceitos, seja através da oralidade, seja na forma de um pequeno texto.

Será utilizado como material didático o Caderno Pedagógico, produzido pelo professor PDE, “EJA: refletindo sobre a identidade cultural brasileira através do cinema.” A explicitação deste tema ocorrerá por meio da análise de três filmes, e atividades deles derivada. O primeiro filme a ser trabalhado é um filme produzido no início da década de 1950, intitulado - Sai da Frente - primeiro filme estrelado por Mazzoropi, nesse filme o personagem –caipira-, apesar de apresentar alguns traços do homem rural, suas principais características são do homem (trabalhador) marginalizado urbano.

O segundo filme, 2 Filhos de Francisco, 2004 – conta a história de um lavrador do interior de Goiás, apaixonado pelo rádio e pela música, que tem um sonho aparentemente impossível de transformar dois de seus nove filhos em uma dupla sertaneja de sucesso. Neste filme mesmo que não de forma explícita aparece um Brasil, idílico, interiorano e rural, dos migrantes que saem da roça e vão para a cidade em busca da realização e da felicidade.

Tapete Vermelho, 2006 - O filme aborda inicialmente algumas situações cotidianas vivenciadas pelo caipira, relatando algumas características marcantes das principais personagens que fazem alusão ao estilo de ser do homem caipira. No decorrer do filme, observa-se uma crítica, a três grandes questões: a questão da Reforma Agrária na perspectiva do Movimento Sem-Terra; a carência de cinemas na maior parte dos interiores brasileiros e, principalmente, o estranhamento cultural entre o homem do campo *versus* o homem citadino, o que de fato é abordado de forma muito competente pelo diretor.

Ao utilizarmos, a imagem fílmica como fonte de pesquisa, estaremos viabilizando o encontro da cultura, da estética, do lazer, da ideologia, dos valores sociais, enfim, de reflexão do passado e do presente, fundindo-se no cotidiano das pessoas.

O trabalho de intervenção da proposta na escola, através dos encaminhamentos e estratégias de estudo, têm como objetivo proporcionar aos educandos a internalização do conceito de consciência histórica, além de promover atitude investigativa, de pesquisa e análise do objeto proposto no tema, sob mediação do professor, mostrando que eles também são produtores do conhecimento. A avaliação ocorrerá tendo como foco; o processo de aprendizagem por parte dos educandos; a aplicabilidade do material didático (Caderno Pedagógico); as estratégias utilizadas pelo(a) professor(a) ao desenvolver o trabalho; as

condições instrumentais/materiais ofertados pela escola (disponibilidade de material de pesquisa, sala de multimídia) para a realização do trabalho.

De acordo com o proposto no Plano de Trabalho, pretendemos avaliar tanto a aplicabilidade na escola, como a contribuição para o processo ensino-aprendizagem do material. O Material didático e o projeto de intervenção serão avaliados no sentido de verificar se estão em consonância com a realidade escolar, tanto no que diz respeito à linguagem, quanto em relação aos recursos materiais para sua real aplicação.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo, Cortez, 2004.

_____. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2005.

BURKE, P. (Org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp. São Paulo: 1997.

_____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

CASTELLS, Manoel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, v.2.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. LP&A, 2000.

_____. *Da Diáspora: identidades e Mediações Culturais*. Editora UFMG. Belo Horizonte: 2003.

LAIA, Evandro José Medeiros. *Hibridismo e mediação cultural no Brasil: os três tempos midiáticos em "O auto da compadecida"*. Trabalho apresentando no GT 3 – Importação e Exportação do XIV Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, São Paulo – SP, 17 a 19 de maio de 2010.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica*. Curitiba, 2008.

SCHIMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e Ação no Magistério).

¹ Trabalho em desenvolvimento em conjunto com a Prof^a. Leni Verginia Costa Nickel, sob minha orientação junto ao Programa de Desenvolvimento Educacional.

² "Palimpsestos eram manuscritos feitos antes da invenção e disseminação do uso do papel, geralmente inscritos em pergaminho. Como havia escassez desse material, cada palimpsesto era reescrito duas ou três vezes, mediante a raspagem do texto anterior. Esse material foi utilizado pelos navegadores do século XVI para anotar suas impressões de viagem, mapas de navegação, e com isso, toda uma visão do mundo em sua época. Mas, como era reutilizado, o palimpsesto guardava sob a mais recente mensagem vestígios dos textos apagados

anteriormente”. (In:*LAIA, Evandro José Medeiros*. Híbrido e mediação cultural no Brasil: os três tempos midiáticos em “O auto da compadecida” artigo).